

Apresentação

História, Memórias e Paisagens Amazônicas

A presente edição da revista Sentido da Cultura contempla artigos provenientes da História UEPA, a quem coube a honra de organizar o volume 6 nº10, por meio da linha de pesquisa História e Memória do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas. Clio, musa da história e filha diletta de Mnemosyne, deusa que personifica as memórias no panteão grego, nos saúda e convida o leitor a adentrar o mundo da história social e cultural da Amazônia, suas cidades pujantes e sujeitos sociais diversos, protagonistas de suas histórias. O tempo abordado pelos artigos que compõem este número da revista, contempla a Amazônia do século XIX em pleno processo abolicionista e chega ao que os historiadores denominam de história do tempo presente (Séculos XX e XXI).

O fio condutor destas histórias são conceitos como culturas, memórias, história e paisagens amazônicas, porém o nordeste e o sul do país foram conectados a essa edição, através da narrativa histórica de Antonio Clarindo que nas Batalhas Pelas Memórias remete à trajetória de migrantes nordestinos na cidade de São Paulo.

O passeio pelas Urbes, suas ideologias, conflitos e espaços inicia a viagem, depois adentramos na floresta amazônica. O trabalho de Jerusa Miranda, “*A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo*”, nos demonstra o processo de escravidão e abolicionismo nas obras de Anselmo da Fonseca em especial, a autora nos apresenta a escravidão e a visão desse processo pela igreja católica.

O leitor será convidado a caminhar pela Belém revisitada sob a ótica dos literatos, quem nos conduz é o historiador Arcângelo Ferreira, que evidencia a cidade pela retina de

Milton Hatoum, nas representações de Luiz & Elizabeth Agassiz e Henry Bates. Alessandra Mafra continua o passo e mantém o ritmo, mas dessa vez o foco é a intelectualidade na Belém dos meados do século XX, em que a dinâmica cultural de Belém é vista a partir de um cenário que envolve propostas de modernização e desenvolvimento para a Amazônia, em suas particularidades de cidade floresta.

Ainda em Belém, Venize Rodrigues nos apresenta as mulheres negras do Umarizal na Belém dos meados do XX, que pelos seus ofícios, suas práticas umbandistas e chefia de suas famílias constroem sociabilidades, autonomia e respeitabilidade na comunidade em que vivem, mulheres de força, de fé e de cura, senhoras de sua vida e protagonistas de seu tempo. Rosângela Quintela nos faz mergulhar no mundo do trabalho de criação e produção de joias artesanais pelo registro da história e memória do Polo Joalheiro, entrelaçadas com as trajetórias de alguns de seus protagonistas, cujo foco é o ofício dos auríferos e sua organização na década que inicia em 1970, no espaço de São José Liberto. Já Leopoldo Santana Júnior na cadencia do samba e do carnaval, convida o leitor a adentrar na folia através das análises de sambas enredo da Escola de Samba “Rancho Não Posso Me Amofiná” e apresenta elementos da cultura afro-brasileira, amalgamada com mitos, lendas e a natureza amazônica.

Contudo, o presente volume também nos faz trilhar pelos rastros e vestígios da memória de outras cidades do Pará. Pelos caminhos da BR- 316, até chegar à cidade de Santa Luzia do Pará, Marcos Carvalho, Cleiciane Barreto e Edvan Nascimento apresentam a trajetória de migrantes nordestinos no Pará. O itinerário continua e dessa vez o percurso são os rincões da floresta, navegando pelas águas do caudaloso rio Tocantins, à jusante deste rio, onde localiza-se parte do Vale do Baixo Tocantins, espaço onde Adriane dos Prazeres Silva explica os conflitos pela posse da terra e a organização dos trabalhadores rurais, que conjugam luta, mística e poesia em versos, cânticos e músicas.

Das águas do rio Tocantins, navegamos ao Marajó, a grande barreira do mar, mais especificamente até a Praia do Pesqueiro, onde Roseli Santos demonstra os saberes cotidianos do povo do Marajó, a expressão do seu sagrado e os diversos tempos do imprevisível e não cíclico. No roteiro da viagem, saímos do Pará e chegamos a Tumucumaque, no Amapá, pelas cerâmicas presentes em sítio arqueológico, cujo acervo está sob salvaguarda do Museu Emílio Goeldi. Vitor da Mata Martins problematiza a questão por meio de análise de fragmentos cerâmicos coletados na região, os motivos ornamentais como construções mentais e testemunhos da relação mantida entre aqueles que os produziram e a natureza.

E para terminar a viagem, uma pausa para explicar o conceito de fronteira, tão importante para os viajantes. Rafael Amaro da Silva nos apresenta um estudo instigante que busca analisar a história geográfica sob a ótica de clássicos que discutem a relação tempo espaço. E assim concluímos que os artigos apresentam realidades, temporalidades e protagonismos diversos, especialmente da região Norte e possibilitou adentrar matas, rios e estradas da Amazônia com suas gentes e suas experiências sociais.

Adriane dos Prazeres Silva
Alessandra Regina e Souza Mafra
Venize Nazaré Ramos Rodrigues